

PROBLEMAS AMBIENTAIS IDENTIFICADOS POR ENFERMEIROS DA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA DE PELOTAS

MARCELO MELO SILVA¹; TEILA CEOLIN²

¹Escola Grupo Hospitalar Conceição - GHC – marcello_melo@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – teila.ceolin@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A preocupação com a degradação ambiental não é recente. Diversos fatores em contextos históricos contribuíram para a caracterização da problemática ambiental como um aspecto global (PASSOS, 2009). Para VARGAS e OLIVEIRA (2007) o meio ambiente é uma produção social que pode influenciar à saúde das pessoas positiva ou negativamente, de maneira individual ou coletiva, direta ou indiretamente, o que torna a relação entre saúde e meio ambiente uma complexa relação entre Estado, natureza e sociedade.

A Carta de Ottawa, de 1986, documento que direcionou as bases operacionais de promoção da saúde, afirma que as condições e requisitos para a saúde são: paz, educação, habitação, justiça social, como também, um ecossistema estável e recursos sustentáveis (BRASIL, 2002).

Florence Nightingale, precursora da enfermagem, preocupava-se com o ambiente na recuperação dos pacientes, dando ênfase para circulação de ar puro, água pura, limpeza do meio, boa iluminação e rede de esgotos eficiente (NIGHTINGALE, 1989). Um documento elaborado pelo Conselho Internacional de Enfermeiros (CIE) ressalta que também é papel do enfermeiro conscientizar a população acerca dos riscos ambientais e as consequências dos danos ambientais para a saúde (RIBEIRO; BERTOLOZZI, 2002).

Em 1994 houve a criação do Programa Saúde da Família (PSF), pelo Ministério da Saúde. A implantação do programa resultou na melhora dos indicadores de saúde na população acompanhada e com estes resultados passou a ser uma estratégia de reorganização do modelo de assistência à saúde, em 2006, denominada Estratégia Saúde da Família (ESF). Cada equipe de ESF tem como composição mínima um enfermeiro, um médico, um auxiliar ou técnico de enfermagem e até doze agentes comunitários de saúde (ACS) (BRASIL, 2011).

Sabendo que há um elo entre saúde e um ambiente saudável, torna-se fundamental nas atividades do enfermeiro atuar na promoção da saúde e prevenção de doenças. O objetivo desse estudo foi investigar os problemas ambientais identificados no cotidiano de trabalho pelos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família de Pelotas/RS.

2. METODOLOGIA

Esse estudo teve abordagem qualitativa do tipo descritiva e exploratória (MINAYO, 2011). É um recorte da pesquisa “Ações de saúde ambiental realizadas por enfermeiros da Estratégia Saúde da Família” (SILVA, 2014). A pesquisa foi realizada em cinco Unidades Básicas de Saúde (UBS), com ESF, do município de Pelotas, localizado na região Sul do estado do Rio Grande do Sul.

Os sujeitos foram cinco enfermeiros da ESF rural e urbana de Pelotas/RS, escolhidos por meio de sorteio, sendo duas da área rural e três da urbana. Para o sorteio, foi realizada pesquisa no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de

Saúde (CNES) das equipes de ESF em Pelotas, obtendo-se um total de 31 equipes (81,57%) na zona urbana e 07 (18,42%) na zona rural. Todas as equipes foram identificadas pelo código no CNES para o sorteio.

Os participantes selecionados foram identificados com nome fictício. Para coleta de dados foram utilizados a entrevista semiestruturada, cuja algumas questões foram baseadas na pesquisa de SOARES et al. (2012) e um instrumento autoaplicável. O trabalho foi submetido a Plataforma Brasil e recebeu parecer favorável nº 380.024/2013, do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

A entrevista foi gravada e os dados obtidos foram transcritos, organizados em núcleos temáticos e analisados cuidadosamente para a obtenção de ideias principais (MINAYO, 2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram desta pesquisa cinco enfermeiros, três trabalhavam em ESF urbana e dois em rural. A maioria (03) dos participantes era do sexo feminino. A idade variou entre 38 e 53 anos e o tempo de conclusão de graduação entre 15 e 28 anos. O tempo de atuação na ESF oscilou de 1 ano e 10 meses a 12 anos. Quatro profissionais realizaram pós-graduação em saúde da família e um está em andamento. Apenas um dos entrevistados relatou ter sido abordado na graduação o tema saúde ambiental.

No quadro 1 estão listados os problemas ambientais identificados pelos enfermeiros.

Quadro 1 - Problemas Ambientais Identificados pelos Enfermeiros. Pelotas, RS, 2013.

Problemas na comunidade: Esgoto a céu aberto; Poluição atmosférica; Destino inadequado do lixo; Ausência de reciclagem do lixo; Desmatamento; Agrotóxicos e pesticidas; Poços de água próximo a esgoto e lixo que contaminam a água; Alagamentos e enchentes; Ausência de EPI por moradores da comunidade; Parasitoses; Zoonoses; Vetores (moscas e insetos); Animais não cuidados dentro de casa; Baixa umidade do ar associada a problemas respiratórios; Condições precárias de moradias; Falta de prevenção da população; Poluição causada pela população.

Problemas na UBS: Lixo ao redor da UBS; Alagamentos e enchentes; Ratos e formigas na UBS; Goteiras e mofo na UBS.

Problemas envolvendo o lixo, como destino inadequado, ausência de reciclagem e/ou coleta seletiva foram descritos por todos. As falas a seguir relatam a preocupação dos entrevistados: “Então, a gente fala separar o lixo. A gente fala sobre cuidar as valetas que faz mal pra eles mesmo, que eles vão entupir as valetas e o que vai acontecer? Vai chover, vai inundar, vai invadir a casa deles tudo” (Margarida, urbano, 50). “[...] sem falar dos alagamentos [...] prejudica a saúde das pessoas, muita gente que de repente até nem vem aqui na unidade. Quando chove demais não tem acesso. Eu saí com água pela virilha aqui da unidade. E tem rato, tem tudo” (Roberta, urbano, 38).

Para MUCCELLIN e BELLINI (2008), além de alagamentos e contaminação da água, o destino inadequado dos resíduos sólidos pode provocar doenças através da proliferação de vetores tais como cães, gatos, ratos, baratas, moscas, vermes, entre outros.

Outro problema evidenciado pelos sujeitos desse estudo foi a contaminação por parasitose intestinal humana, como descrito no relato: “Tem verminose aqui no bairro. Eu tenho um caso na minha área que ela [usuária do serviço] teve que fazer uma cirurgia porque tava com obstrução intestinal. Não tem cabimento uma coisa dessas, ter que fazer uma cirurgia por causa de vermes. Quanto que os cuidados básicos, o que é? É higiene” (Margarida, urbano, 50).

Percebe-se uma indignação da entrevistada frente a um problema que poderia ser evitado se medidas sanitárias fossem adequadas. Em dois estudos (ROQUE, 2005; BASSO, 2008) realizados com escolares no estado do Rio Grande do Sul, sobre parasitoses intestinais, observou-se uma alta taxa de contaminação pelas crianças, sendo a parasitose intestinal um problema de saúde pública no Brasil.

Dos problemas identificados pelos enfermeiros da zona rural, algumas diferenças foram identificadas em relação aos profissionais que atuam na área urbana, como o uso de agrotóxicos no cultivo e intoxicação por alimentos com agrotóxico citados pelos dois enfermeiros da área rural. “Eu acho que tem até assim, problemas mais graves [na zona rural], que é o uso dos agrotóxicos. Que a pessoa não tá enxergando o quanto vai fazer mal, mas é um problema sério. A gente vai aos poucos depositando no organismo da pessoa e não sabe às vezes. Pode ter um problema que a pessoa nem se der por conta que pode ter sido por causa do agrotóxico” (Eduarda, rural, 53).

Um terço dos alimentos consumidos cotidianamente pelos brasileiros está contaminado pelos agrotóxicos. Esta realidade é considerada pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva como um problema de saúde pública diante efeitos agudos e crônicos de seu uso, manifestando-se em várias doenças como cânceres, malformação congênita, distúrbios endócrinos, neurológicos e mentais (CARNEIRO et al., 2012).

Dois entrevistados identificaram problemas ambientais relacionados ao espaço interno das residências e um ao ambiente de trabalho, como descrito na fala a seguir: “Por exemplo, o ambiente que eu trabalho, na Unidade de Saúde [nome], nós temos um monte de problemas que eu considero ação de saúde ambiental, por exemplo: mofo, goteiras, lixo ao redor da unidade básica. Que isso aí vai bem a esse tema, isso interfere na saúde até do trabalhador, né? Mofo, a gente pode ter uma alergia, nos próprios pacientes que a gente atende também” (Lima, urbano, 56).

É comum vermos o meio ambiente apenas como algo que está fora de nós, desvinculando o fato de que o espaço de trabalho e moradia estão inseridos neste. A constituição federal de 1988 expõe que devem ser realizadas ações de saúde do trabalhador, de proteção ao meio ambiente, incluído o do trabalho (BRASIL, 1988).

O desinteresse da população nas questões ambientais e a falta de empenho de órgãos públicos na melhoria dos condicionantes de saúde foram apontados nesse estudo como dificuldades na solução dos problemas.

4. CONCLUSÕES

Todos os sujeitos da pesquisa relacionaram a saúde com o meio ambiente e identificaram problemas ambientais em seus territórios. No meio rural foi encontrado alguns problemas diferentes do urbano, como o uso de agrotóxicos, ausência de EPI pela população em lavouras e contaminação da água de poços.

Conclui-se que é importante que seja abordada a temática saúde ambiental na graduação de futuros enfermeiros, e que os enfermeiros formados busquem se

atualizar nesta área, de forma a se prepararem para enfrentarem os problemas ambientais atuais a fim de melhorar a qualidade de vida da população.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSO, R.M.C.; SILVA, R.T.R.; SOLIGO, D. S.; RIBACKI, S.I.; CALLEGARI, S.M.J.; ZOPPAS, B.C.A. Evolução da prevalência de parasitoses intestinais em escolares em Caxias do Sul, RS. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, Uberaba, v.41, n.3 p.263-68, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **As Cartas da Promoção da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

_____. Portaria MS/GM Nº 2.488, de 21 de outubro de 2011. **Aprova a política nacional de Atenção Básica**. Publicada no Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília: Seção 1, p.48-55, 2011.

BRUZOS, G.A.S.; KAMIMURA, H.M.; ROCHA, S.A.; JORGETTO, T.A.C.; PATRÍCIO, K.P. Meio ambiente e enfermagem: suas interfaces e inserção no ensino de graduação. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.20 n.2 p. 462-469, 2011.

CARNEIRO, F.F., et al. **Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde** - Dossiê ABRASCO (1ª Parte). Rio de Janeiro: ABRASCO, 2012.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MUCELIN, C.A.; BELLINI, M. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.20 n.1 p.111-124, 2008.

NIGHTINGALE, Florence. **Notas sobre enfermagem: o que é e o que não é**. São Paulo: Cortez, 1989.

PASSOS, P.N.C. A conferência de Estocolmo como ponto de partida para a proteção internacional do meio ambiente. **Revista de Direitos Fundamentais & Democracia**, v. 6, n. 6, p. 1-25, 2009.

RIBEIRO, M.C.S.; BERTOLOZZI, M. R. Reflexões sobre a participação da enfermagem nas questões ecológicas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.36, n.4, p.300-308, 2002.

ROQUE, F.C. et al. Parasitos Intestinais: Prevalência em Escolas da Periferia de Porto Alegre – RS. **Revista Newslab**, São Paulo, v.69, p.152-62, 2005.

SILVA, M.M. **Ações de saúde ambiental realizadas pelos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família**. 2014. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas.

SOARES, S.G.A.; CAMPONOVARA, S.; TERRA, M.G.; SANTOS; T.M.; TREVISAN; C. M. O que pensam os enfermeiros sobre a problemática ambiental. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v.13 n.5, p. 971-82, 2012.

VARGAS, L.A.; OLIVEIRA, T.F. Saúde, Meio Ambiente e Risco Ambiental: um desafio para a prática profissional do enfermeiro. **Revista Enfermagem UERJ**, v.15, n.2, p.451-455, 2007.